

Os títulos do Brasil, parados no euromercado

ASSIS MOREIRA
Especial para O ESTADO

GENEBRA — O Brasil é a oitava economia do mundo, continua sendo o país do futuro, a crise atual é "temporária", mas a precaução é a maneira menos arriscada de fazer negócios no mercado financeiro. Eis como o diretor de um grande banco europeu justifica a paralização das negociações, no euromercado, dos títulos da dívida externa brasileira desde o anúncio da moratória.

Em Londres, especialmente, prospera um mercado secundário de venda de títulos de dívida de diversos países. Encontra-se título da Nicarágua, das Filipinas, de Honduras etc. O banco que concedeu um empréstimo, mas deseja desengajar-se do negócio, oferece seu crédito com um deságio que reflete (no seu entender) o risco político-econômico do país. Ao final, todos ficam contentes — e certos de que fazer negócios em torno de países em desenvolvimento, se são mais arriscados, não deixam porém de ser mais rentáveis.

Títulos da dívida brasileira eram negociados por 80% do seu valor. Depois, pela natureza das coisas, evidentemente, os bancos passaram a oferecer os títulos por 70%. Mesmo esse deságio

de 30% no momento não estimula os investidores. O que mais os afugenta, lembra o diretor do banco, é o fato de o País confessar que o caixa está fechado, sem divisas.

No entanto — estima —, certamente os bancos voltarão a vender brevemente títulos do Brasil, quando o governo apresentar seu plano de ajustamento e quando proporcionar estímulos ao programa de conversão de parte da dívida em capital de risco. Um funcionário do mercado de capitais lembra que, no ano passado, mesmo empresas nacionais chilenas compraram títulos do Chile junto aos bancos.

CUBA, PESADELO

Se há precaução no que se refere à atual conjuntura brasileira, com relação a Cuba existe pesadelo. A dívida cubana é numericamente quase insignificante em relação à brasileira (apenas US\$ 4,4 bilhões), mas um repúdio ou limitação de seu pagamento representaria um golpe suplementar na credibilidade já abalada dos bancos europeus e japoneses.

O problema de Cuba é resultado do que ocorre com a maioria dos países em desenvolvimento, dependentes das variações dos preços dos produtos primários.